



Universidade Federal de Alagoas - UFAL
Centro de Educação- CEDU
Maceió - Alagoas - Brasil

RESUMO EXPANDIDO

EDUCAÇÃO ANTIESPECISTA NA PERSPECTIVA DO BEM VIVER : uma aposta ético-política para a formação docente

Tereza Crislany Martins do Nascimento

(ICBS/UFAL)

(tereza.nascimento@icbs.ufal.br)

Angely Naiana Macena Cavalcante

(CEDU/UFAL)

(angely.cavalcante@cedu.ufal.br)

Jeane Felix

(Professora - CEDU/UFAL)

(jeane.silva@cedu.ufal.br)

1 INTRODUÇÃO

Não é novidade que estamos vivendo uma crise, ao mesmo tempo, “ambiental, econômica, social, geográfica, política e civilizatória” (SOLÓN, 2019, p. 13), sem precedentes. Vivemos tempos em que quase tudo pode ser explorado: nossa força de trabalho, nossos corpos, os recursos naturais e a vida dos animais não-humanos. Nas palavras de Krenak (2019, p. 24), “o consumo tomou o lugar daquilo que antes era cidadania”. Nesse contexto, quase tudo pode ser comprado e vendido. Essa crise, de acordo com Solón (2019), refere-se ao futuro da humanidade como um todo e, por isso, é preciso criar fissuras, rupturas e buscar por respostas coletivas e criativas.

Essa crise é sustentada pelo especismo, que seria um modo de vida centrado nos seres humanos, que reconhece todas as outras formas de vida como secundárias e inferiores. As formas de discriminação, exploração e violência naturalizadas contra as espécies não-humanas são chamadas de “especismo” (RYDER, 2014; SINGER, 2010). Nesse contexto, emergem os movimentos antiespecistas, críticos aos modos

de vida “humano centrados” e ao desenvolvimentismo inconsequente, lutando contra o abuso aos animais não-humanos, assim como a toda e qualquer exploração humana e da natureza (CELKA, 2016).

Somando-nos a esses movimentos e acreditando na potencialidade da educação, na perspectiva do Bem Viver, como uma estratégia fundamental para a construção de um mundo mais justo, apostamos na necessidade de promover uma educação que ensine sobre o respeito aos animais não-humanos e a todas as demais formas de vida. O Bem Viver é uma proposta ética e política que acredita na possibilidade da vida humana em “harmonia com a natureza, livre de preconceitos” e que, por isso, “abre portas para visões alternativas de vida” (ACOSTA, 2016, p. 41). Essa estratégia é nomeada de educação antiespecista.

Na contemporaneidade, a educação é empregada como um conjunto de “tecnologias voltadas para desenvolver a subjetivação moderna”, o qual tem se construído a partir de dualismos, entre os quais a “separação entre humanos e não humanos”, “ideal e material”, “natureza e cultura”, “masculino e feminino” etc. (Pinto Neto, 2019). Acreditamos que para sairmos da crise na qual estamos imersos/as, precisamos romper essa lógica dual, na direção da integralidade e a educação é indispensável nesse processo.

Partindo desse pressuposto, realizamos, entre agosto de 2021 e agosto de 2022, uma pesquisa de iniciação científica que tinha por objetivo compreender, por meio de uma pesquisa bibliográfica e documental, se e como a educação animalista e o Bem Viver são abordados na produção acadêmica nacional no campo da Educação. A pesquisa em tela foi aprovada pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/PIBIC AF) - Ciclo 2021-2022 via Edital N° 02/2021 PROPEP – UFAL.

2 OBJETIVOS

Este trabalho, recorte de uma pesquisa de iniciação científica, tem como objetivo central descrever e analisar como a educação antiespecista e o Bem Viver têm sido abordados na produção acadêmica nacional em Educação, com foco na formação de professores e professoras.

3 METODOLOGIA

A pesquisa, caracterizada como bibliográfica, documental e online, foi desenvolvida a partir de um mapeamento nos seguintes bancos de dados: *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*, Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Google Acadêmico, a partir das seguintes palavras-chave: “bem viver” e “pedagogia e bem viver” (Plano de Trabalho 1) e “educação animalista”, “pedagogia animalista”, “especismo”, “anti-especismo”, “educação vegana”, “pedagogia vegana”, “pedagogia antiespecista”, “educação antiespecista”, “educação e veganismo”, “especismo e educação” e “animalismo” (Plano de Trabalho 2).

As buscas consideraram os seguintes filtros: Ciências Humanas, trabalhos publicados no Brasil e trabalhos em Português. Os dados foram organizados e catalogados em planilha do *Google* considerando: título, autores/as, ano de publicação, tipo de publicação, data de busca, ideias centrais, palavras-chave do trabalho, referência (conforme ABNT), link da pesquisa, região/Estado e área do conhecimento, universidade/instituição e orientador(a). As análises foram desenvolvidas de acordo com as cinco fases propostas por Yin (2016), quais sejam: 1) compilar, 2) decompor, 3) recompor (e arranjar), 4) Interpretar e 5) concluir. Para as análises foram considerados os trabalhos da área de Educação.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No contexto do Plano de Trabalho 1 foram encontrados 62 trabalhos na área da Educação referentes ao Bem Viver, entre os quais 35 foram produzidos na região Sul, 10 no nordeste, 8 no Sudeste, 7 no Centro-Oeste e 2 na região Norte. Cabe destacar que embora refiram-se à educação, os trabalhos foram produzidos em outras áreas, tais como: saúde, psicologia, serviço social, entre outras. Não foram localizados trabalhos sobre bem viver no âmbito da educação básica, todos estão voltados para a Educação Superior, indicando uma lacuna na produção científica nacional nesse aspecto.

O resultado do mapeamento do Plano de Trabalho 1 aponta que os trabalhos situados na perspectiva do Bem Viver ancoram-se nas seguintes temáticas: educação ambiental; formação para a cidadania em integração ser

humano-natureza; decolonialidade e críticas à colonialidade; protagonismo de comunidades indígenas e quilombola e suas contribuições para uma vida em harmonia com a natureza; formação de professores/as indígenas.

No que se refere ao Plano de Trabalho 2 foram localizados 18 trabalhos que abordam a perspectiva de promoção de uma educação antiespecista e de respeito e harmonia entre animais humanos e não-humanos, com crítica ao especismo e ao antropocentrismo. Em termos de regionalidade, foram encontrados 7 trabalhos na região Sul, 5 no Sudeste, 2 no Nordeste, 2 no Centro-Oeste e 2 no Norte. Embora estejam voltados para a Educação, os trabalhos foram produzidos também em outras áreas, como Direito, Ciências sociais, Bioética e Ciências Biológicas, Educação ambiental, indicando tanto que a Educação é um campo multidisciplinar, que interessa a pesquisadores/as de diversas áreas, quanto a necessidade de ampliação da produção científica desenvolvida por educadores/as, que se utilizam de lentes educacionais para analisar fenômenos complexos vivenciados em nossos espaços de atuação acadêmica e profissional.

Os trabalhos mapeados no contexto do Plano de Trabalho 2, voltam suas análises para os seguintes focos: livros didáticos; a animalidade na perspectiva da educação ambiental na formação de professores/as; ecofeminismo e veganismo, formação de professores/as de biologia, questões especistas, bioética, especismo e escravidão animal e, ainda, educação Jurídico-Animalista. Cabe destacar que o uso do termo “educação animalista” foi encontrado em apenas um dos trabalhos mapeados, na intenção de mostrar como a educação animalista pode significar um avanço na proteção e garantia dos direitos dos animais para a formação de estudantes de direito.

Como pudemos observar, os 86 trabalhos mapeados nessa pesquisa (68 no Plano de Trabalho 1 e 18 no Plano de Trabalho 2) sinalizam para a necessidade de ampliação das investigações, no âmbito da Educação, que se voltem a compreender a importância de se contrapor à crise que vivemos. Não é possível continuarmos explorando (seres humanos, animais não-humanos e a natureza como um todo) do modo como temos feito, gerando violências e destruição em nome do enriquecimento de poucos grupos econômicos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização desta pesquisa, concluímos que a educação antiespecista na perspectiva do Bem Viver vem sendo abordada timidamente na produção científica nacional em Educação, uma vez que são poucos os trabalhos dedicados a essas discussões, como apresentado anteriormente. A incipiência de trabalhos é ainda mais destacada quando restringimos a busca à área da educação, demonstrando a necessidade de investimentos acadêmicos nesses âmbitos pois, como apresentamos, a produção acadêmica sobre educação antiespecista e Bem Viver tem se construído em campos como o Direito, a Filosofia e cursos da área de Saúde.

Consideramos de suma importância que as temáticas abordadas no projeto sejam abordadas na Educação, pois apresenta uma forma de existência que se contrapõe à exploração capitalista e reconhece o ser humano como parte da natureza. Nessa direção, é fundamental a incorporação dessas temáticas nos cursos de formação inicial e continuada de professores e professoras, bem como nos materiais didáticos, debates, projetos curriculares e, também, nas pesquisas, visando ampliar a produção de conhecimentos sobre temáticas tão necessárias.

Acreditamos que uma educação antiespecista, na perspectiva do Bem Viver, incentiva a convivência em harmonia entre todos os seres existentes na Terra, porque não fazemos parte da natureza, somos a natureza (ACOSTA, 2019). Essa compreensão é fundamental para enfrentarmos a lógica capitalista que tudo explora e tudo destrói. Educar, nessa perspectiva, é levar cada um/a de nós a uma outra consciência, outra ética, que reconhece que os seres humanos são parte (e não o centro) da vida na Terra e tem como base a necessidade de promover uma ética de convivência entre as espécies (DERRIDA; ROUDINESCO, 2004), com valorização das diversidades e promoção de uma vida mais digna, inclusive para os seres humanos que têm vivido em condições indignas e desumanas.

É urgente que a educação incorpore em seus currículos – da Educação Básica à Educação Superior, com prioridade para os cursos de formação docente – conteúdos que contribuam para a compreensão crítica dos efeitos da exploração humana e animal e de uma vida desconectada da natureza. A educação precisa incorporar e contribuir com esse debate, tão importante nos nossos dias. Consideramos que a formação docente é um espaço privilegiado para mobilizar

essa tomada de consciência e, assim, levar esses conhecimentos e essas lentes teóricas para o trabalho educativo que será desenvolvido por esses/as profissionais nas escolas. Talvez o nosso maior desafio seja (des)aprender sobre as formas como atualmente nos relacionamos com os animais e com a natureza de modo ampliado e, a partir daí, aprender formas mais éticas e compassivas de estar no mundo. Esse é o maior desafio e também a maior potência da educação antiespecista na perspectiva do Bem Viver.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, A. **O Bem Viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Trad. Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.

CELKA, M. Carne, consumo ou abolição: incompatibilidades nas relações com a carne. In: PRADO, et al. (Orgs.). **Estudos socioculturais em alimentação e saúde**: saberes em rede. [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2016. Sabor Metrópole Series, vol. 5, pp. 183-195.

DERRIDA, J.; ROUDINESCO, E. **De que amanhã...** Diálogo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2014.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RYDER, R. **Os animais e os direitos humanos**. Revista Brasileira de Direito Animal, 3(4), 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/rbda.v3i4.10458>.

SINGER, P. **Libertação animal**. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2010.

SOLÓN, P. Introdução. In: SOLÓN, Pablo (Org.). **Alternativas sistêmicas**: bem viver, decrescimento, comuns, ecofeminismos, direitos da Mãe Terra e desglobalização. São Paulo: Elefante, 2019.

YIN, R. K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2016.